INTERPRETAÇÕES DE JUNHO: UMA MAPA DAS POLARIZAÇÕES ÀS MULTIPLICIDADES

Carlos Picanço Wambier (PIBIC/PROVIC), Murilo Duarte Costa Corrêa, e-mail: murilodccorrea@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Direito do Estado.

Direito e Teoria do Direito.

Palavras-chave: Jornadas de Junho, Mapa teórico, Teoria Política Brasileira, Novos movimentos sociais.

Resumo

O presente subprojeto de pesquisa tem como objeto as interpretações acadêmicas sobre as Jornadas de Junho de 2013. Em face da importância e complexidade desse evento para o Brasil, busca-se realizar, como objetivo geral, um mapa teórico, por intermédio de pesquisa documental e bibliográfica, utilizando-se do método de análise de discurso sobre essas diversas interpretações analíticas. Como hipóteses, em meio ao levantamento seguindo de classificação temática dos textos selecionados, exploram-se duas tendências interpretativas sobre Junho de 2013: as polarizações entre leituras de esquerda e de direita (que se replicaram no debate eleitoral de 2014) e interpretações plurais, mais complexas, que não submetem junho a esse dualismo.

Introdução

O presente subprojeto tem por objetivo construir um mapa teórico das interpretações produzidas até o segundo semestre de 2018 sobre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil em Junho de 2013, fruto da iniciação científica desenvolvida no âmbito do projeto "Cartografias de Junho: o direito e a política no Brasil contemporâneo". Resultado de uma pesquisa documental e bibliográfica, o objeto de pesquisa são as diversas correntes de interpretação que interpretam esse complexo evento.

Para tanto, foram elencados determinados temas: pautas das manifestações, os atores sociais, tática *Black Bloc*, formas de mobilização e as influências das Jornadas para a política no Brasil contemporâneo. A escolha desses temas deve-se a uma opção ao mesmo tempo didática e analítica, que segue de perto de tendências factuais, conceituais e de exames que se destacam das interpretações observadas, pois os temas não se esgotam neles mesmos, estando por muitas vezes interligados. Analisados esses temas, a pesquisa busca responder ao seguinte problema: em que medida as interpretações analíticas de Junho de 2013 foram capturadas por narrativas polarizadas, segundo o eixo direita/esquerda, ou se configuram em análises plurais e complexas.

As jornadas de Junho, como ficaram conhecidas[1], aconteceram em um Brasil que vivia tempos de euforia, com estabilidade econômica, frente à crise da globalização

[1] Certas interpretações aproximam Junho com de Maio de 68 na França, com o conceito de *Acontecimento* da filosofia de Gilles Deleuze (AUGUSTO, 2016, p. 60; CORREA, 2018; DOTTO, 2014; MORAES *et al,* 2014, p. 12; NUNES, 2014, p. 15), como algo irrepresentável e que perdura na

(BRAGA, 2017, p. 187; CAVA, 2013, p. 12; NOBRE, 2013), e estava às portas de ser sede dos dois mais importantes megaeventos esportivos do planeta: a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Com exceção de poucos autores (ALENCAR, 2014, p. 18; CAVA, 2016, p. 23; GONDIM, 2016, p. 3; KAHN, 2014, p. 118; NOBRE, 2013), alguns militantes da causa urbana e dos transportes – principalmente com o Movimento Passe Livre (MPL) (POMAR, 2013, p. 18; GREGORI, 2014, p. 99) –, é lugar comum caracterizar o levante de Junho um "raio em céu de brigadeiro", um levante espontâneo que causou surpresa a todos.

Revisão de literatura

O objetivo desse subprojeto é a construção de um mapa teórico das interpretações das manifestações de Junho de 2013. Para tanto, a metodologia empregada consistiu no levantamento e na revisão bibliográfica de textos (artigos científicos e livros) cujo objeto de análise, direta ou indiretamente, fossem as referidas manifestações. Após o levantamento, a leitura e o fichamento da bibliografia, para conferir maior didática ao mapa, foram elencados os temas (exposto na introdução) que mais se destacavam na literatura para favorecer a análise.

Resultados e Discussão

Analisada a bibliografia, serão tratados os temas que foram elencados para a constituição do mapa teórico e como a literatura acadêmica produzida até o segundo semestre de 2018 se manifestou sobre eles.

O primeiro tema, as pautas da manifestações, foram observadas quatro, que refletem a diversidade de peso ou importância atribuídos em cada interpretação. A escolha dessas quatro deve-se ao fato de constituírem tendências dissertativas da bibliografia, e são elementos que geraram acontecimentos cruciais em Junho, são elas: o estopim, com a mobilidade urbana e a questão da tarifa, com destaque ao MPL; o contexto, com a questão urbana, relacionada à financeirização das cidades proporcionadas pelos megaeventos esportivos; e o elemento agregador, com a violência estatal, entre elas a política de pacificação sobre as periferias urbanas; a difusão, com a moralidade da política com o combate à corrupção e à falta de qualidade dos serviços públicos.

O tema que apresenta a maior divergência interna é aquele que trata sobre os atores sociais. Há certa parcela da literatura que caracteriza os manifestantes como de classe média tradicional. Porém, nesse campo analítico também emerge a discussão da existência ou não de uma nova classe média no país, que segue com o papel dos setores precários emergentes no país e, por último, o levante e constituição do conceito negriano de multidão com seu decretos.

A novidade da tática *black bloc* no Brasil, considerada neste trabalho como uma linha de fuga que reterritorializa e explica Junho, despertou diversas críticas, muito em virtude da concepção própria de violência. Porém, debates mais teóricos e sobre outros elementos dessa linha de fuga foram travados. A primeira é a análise da vestimenta da tática: como um signo superficial (BUCCI, 2016, p. 52), e a recusa em mostrar o rosto como um ato político, contra a subjetivação estatal do corpo pela identidade do rosto (CORRÊA, 2014, p. 174-175; SANTOS, 2014, p. 192). Em segundo, a discussão que vincula o *black bloc* à sociedade de espetáculo, no

história, rompendo com suas expectativas causais.

aspecto negativo, em torno da contradição das formas (BUCCI, 2016, p. 100) e positivo, como criadora de espetáculos (AUGUSTO, 2015, p. 155).
Nas formas de mobilização, registra-se a reivindicação da horizontalidade e o autonomismo dos novos movimentos sociais (ORTELLADO, 2013, p. 237), porém também a crítica a eles por sua falta de resultados e programas (NOGUEIRA, 2013, p. 52). Ainda, a análise a partir do advento da chamada sociedade em rede (ANDRADE, 2016; CASTELLS, 2013).
No que se refere à influência de Junho sobre a política no Brasil, três influências observadas revelam ao menos três leituras divergentes: a ascensão de uma cultura de ampliação de mobilizações; a crise política (de representação) e a exigência de uma reforma do sistema político.

Conclusões

A partir do problema que conduziu a elaboração deste mapa teórico, e do teste de suas duas hipóteses, verificou-se que entre 2013 e o segundo semestre de 2018, as Jornadas de Junho de 2013 foram retratadas academicamente mais por análises plurais e complexas do que por narrativas polarizadas, seguindo os eixos direita/esquerda.
Ao acompanhar o eixo tradicional entre esquerda e direita, percebe-se que a literatura analisada é majoritariamente de esquerda[2]. No entanto, dentro desse campo, a heterogeneidade, seja de marcos teóricos ou de interpretações, é ampla. Essa pluralidade reflete-se nos temas elencados pelo mapa.
Em virtude do mapa teórico deste trabalho verificar que a literatura sobre Junho de 2013 estrutura-se a partir de interpretações complexas e plurais do evento, observa-se que ele faz jus às Jornadas. A multiplicidade é a marca das manifestações, e justamente por isso ensejaram as variadas interpretações que foram analisadas. A bibliografia de um evento com essa característica não podia deixar de conferir isso também, assim como uma proposta, dentre as várias possíveis, de um mapa teórico de Junho. Pois Junho ainda não acabou.

Agradecimentos

Agradecimentos ao PIBIC, por fomentar a pesquisa nas universidades e ao orientador Murilo Duarte Costa Corrêa, pela oportunidade de concretização desse mapa e pelas lições e aos meus colegas Ana Ramlow e Mario Rocha.

Referências

ALENCAR, Chico. **A rua, a Nação e o Sonho**: uma reflexão para as novas gerações. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.
ANDRADE, Rubens. **Movimentos sociais em rede**: junho de e a Câmara Municipal de Rio de Janeiro. Curitiba: Appris, 2016.
AUGUSTO, Acácio. Protestos contra a copa do mundo de 2014 no Brasil: quando o enfretamento coloca as posições das forças. **Esferas**, n.7, p. 153-162, Julho – dezembro de 2015.
_____, Acácio. Mais além do “contra-golpe”: subsídios para uma analítica do campo de luta. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 15, p. 56-78, mai-ago 2016.

[2] Todavia, duas obras se destacam no campo da direita, a de organização de Rubens Figueiredo e a de Flávio Morgenstern.

BRAGA. Ruy. **A rebeldia do precariado**: trabalho e neoliberalismo no Sul global. São Paulo: Boitempo, 2017.
BUCCI, Eugênio. **A forma bruta dos protestos**. Das manifestações de junho de 2013 à queda de Dilma Rousseff em 2016. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
CAVA, Bruno. **A multidão foi ao deserto**. São Paulo: Annablume, 2013.
_____, B; COCCO, G. (Orgs.). **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.
CORRÊA, Murilo Duarte da Costa. Contra o rosto. In: In: CAVA, B.; COCCO, G. (Orgs.). **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.
_____, Murilo Duarte da Costa. Introdução à filosofia *black bloc*. **Rede Universidade Nômade**. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/introducao-a-filosofia-black-bloc/> Acesso em 23 de Junho de 2018.
DE SOTO P. *et al.* **De Istambul ao Rio de Janeiro:** as lutas pelo comum nas cidades rebeldes. In: CAVA, B.; COCCO, G. (Orgs.). Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.
DOTTO, Pedro. Junho de 2013: o acontecimento. In: CAVA, B.; COCCO, G. (Orgs.). **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.
FIGUEIREDO, Rubens (Org). **Junho de 2013**: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
GONDIM, Linda M. P. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das jornadas de junho de 2013. **Polis**, n. 44, p. 1-20, 2016.
KAHN, Tulio. A segurança pública e as manifestações. In.: FIGUEIREDO, Rubens (Org). **Junho de 2013**: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus Editorial, 2014, p.115-133.
MARICATO, Ermínia *et al*. **Cidades rebeldes**: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo, 2013.
MORGENSTERN, Flávio. **Por trás da máscara**: do Passe Livre aos *Blacks Blocs*, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Record, 2015.
MORAES, Alana *et al*. **Junho**: potência das ruas e das redes. São Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2014.
NOBRE, Marcos. **Imobilismo em movimento**: da abertura democrática ao governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
NOGUEIRA, Marco Aurélio. **As ruas e a democracia.** Ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
NUNES, Rodrigo. Geração, acontecimento, perspectiva: pensar a mudança no Brasil. **Nueva Sociedad**, p. 14-26, dezembro 2014.
ORTELLADO, Pablo. Os protestos de junho entre o processo e o resultado. In: JUSDANEIDER, Pablo *et al*. **Vinte centavos***:* a luta contra o aumento*.* São Paulo: Veneta, 2013. pp. 227-239.
SANTOS, Maria Correa dos. Corpos em movimento: *Black Bloc* carioca e representações de resitencia. In: CAVA, B.; COCCO, G. (Orgs.). **Amanhã vai ser maior**: o levante da multidão no ano que não terminou. São Paulo: Annablume, 2014.